

GÊNERO, DANÇA E CULTURA: AS DANÇAS DE TODOS, FEMININAS, MASCULINAS E DESCONHECIDAS

Recebido em: 19/06/2023

Aprovado em: 27/08/2023

Licença: 

*Igor Henrique da Costa*¹

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Ouro Preto – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3247-146X>

*Priscila Augusta Ferreira Campos*²

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Ouro Preto – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-2694-9519>

RESUMO: O objetivo da pesquisa é compreender os espaços de contatos de adolescentes com a prática da dança enquanto atividade de lazer e as suas percepções sobre diferentes estilos de dança e gênero na sociedade. Utilizou-se como procedimento de coleta de dados questionário estruturado e para a interpretação, fez-se a análise descritiva. A amostra foi constituída por 200 estudantes do segundo ano do Ensino Médio. Identificou-se que, embora os adolescentes considerem a maior parte dos estilos de dança como uma dança possível de ser praticada por todos, ainda é presente uma divisão por gênero de determinadas danças. Foi observado também as danças consideradas como desconhecidas pelos adolescentes que em maior parte eram compostas por danças folclóricas. Percebeu-se que os homens eram os mais reprodutores da divisão de gênero e os que menos conheciam a diversidade de danças, principalmente as do folclore brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Estilos de dança. Atividades de lazer.

GENDER, DANCE AND CULTURE: THE DANCES OF ALL, FEMALE, MALE AND UNKNOWN

ABSTRACT: The objective of the research is to understand the spaces of contact between adolescents and dance as a leisure activity, as well as their perceptions of different dance styles and gender in society. A structured questionnaire was used as the data collection procedure, and descriptive analysis was employed for interpretation. The sample consisted of 200 students in their second year of high school. It was identified that although adolescents consider the majority of dance styles as accessible to everyone, there still exists a gender division for certain dances. Additionally, dances that were largely unknown to the adolescents were predominantly composed of folk

¹ Profissional de Educação Física. Mestrando em Educação.

² Doutora em Educação Física. Docente da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

dances. It was observed that men were the main perpetrators of gender division and had the least knowledge of dance diversity, particularly regarding Brazilian folklore dances.

KEYWORDS: Gender. Dance styles. Leisure activities.

Introdução

A dança é uma prática corporal presente desde a sociedade primitiva à contemporânea. Para além da sua diversidade de estilos de dança e ritmos musicais, a ela pode ser atribuído diferentes contextos: artísticos, sociais, políticos, culturais, religiosos, educacionais, profissionais, lazer, entre outros.

Segundo Dórea e Rocha Junior (2021, p.67), “em se tratando do tempo de lazer, a dança fomenta possibilidades de criar e percorrer caminho à alegria, ao prazer e à satisfação, na perspectiva de transformar a realidade, desenvolvendo indivíduos construtores, reconstrutores e proativos de suas culturas”.

Enquanto fenômeno sociocultural, a dança vem sofrendo modificações e estas, influenciam nos significados e nos seus praticantes em determinados tempo-espço. Os primeiros a se expressarem através da dança, segundo alguns estudos, foram os homens (DE ASSIS e DO CARMO SARAIVA, 2013; GONÇALVES, 2014). Durante os séculos XVI e XVII a dança ocidental era exclusivamente masculina, os homens não apenas dançavam como também incorporavam papéis femininos em apresentações. Durante este período, as mulheres se configuravam apenas como plateia (DE ASSIS e DO CARMO SARAIVA, 2013).

Porém, segundo Gonçalves (2014), após o início do declínio da dança durante a Idade Média (476 a 1453) e a dominação da igreja católica, foi atribuído certo valor de pecado a ela. Conseqüentemente iniciou-se uma desvalorização social dessa prática corporal, de acordo com o autor, principalmente por parte dos homens, o que acarretou na sua associação a imagem e ao corpo da mulher.

O distanciamento do convívio de homens com a dança é um condicionamento estabelecido pelas estruturas sociais (DOS SANTOS *et al.*, 2015). Para os autores, a própria sociedade acaba reforçando certos padrões de dança “femininas” e até mesmo “masculinas”. Como consequência dessa problemática de gênero, não apenas a prática da dança sofre essa generificação, mas determinados estilos de dança também são rotulados e caracterizados como práticas feminilizadas e/ou masculinizadas.

Nesta pesquisa utilizaremos o conceito de gênero adotado por Scoot (1988) que o defini como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos – importante ressaltar que essas diferenças percebidas não são e nem devem ser caracterizadas pelo determinismo biológico, mas por características identitárias e culturais – e o conceito de lazer adotado por Gomes (2004) que o conceitua como “uma dimensão da cultura constituída pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações – especialmente com o trabalho produtivo” (GOMES, 2004, p.125).

Dórea e Rocha Junior (2021), a partir dos seus resultados, trazem contribuições acerca da compreensão da dança enquanto lazer como um elemento cultural contribuidor para o desenvolvimento intelectual, para o reconhecimento e para o sentimento de pertencimento, união e emancipação dos seus praticantes.

A dança é uma prática corporal que não possui nenhum tipo de determinismo ou pré-requisito para seus praticantes, e é uma atividade presente e inerente ao ser humano ao longo de sua vida, seja na escola, em casa, em festas e diversos outros ambientes. Pode ser caracterizada ainda como um veículo de aproximação da diversidade cultural contribuidor da promoção da valorização da diversidade de etnias, gêneros, raças, classes sociais e até mesmo econômicas, que tanto pelo lazer, quanto pela arte e

educação possui poder de integração entre diferentes grupos sociais brasileiros (CHAVES; CÔRTEZ, 2016 *apud* DÓREA e ROCHA JUNIOR, 2021).

No estudo de Pereira (2019) realizado com adultos residentes na cidade de Uberlândia em Minas Gerais, foi caracterizado a atribuição sobre a divisão de atividades de lazer segundo o gênero e sua relação com aspectos ideológicos ligados a relações entre os gêneros. De acordo com a classificação geral de atividades de lazer de acordo com o gênero, as três atividades mais relacionadas à mulher foram: brincar de boneca (82,2%), brincar de casinha (75,5%) e praticar dança (67,6%). Já a dança não foi classificada como uma das três atividades de lazer mais relacionadas ao homem, sendo elas: o jogar futebol (82,4%), brincar de carrinho (75,1%) e jogar videogame (69%). No geral, a dança teve com maior frequência atribuições às mulheres, em seguida um pouco a ambos e nada ao homem.

Além dos resultados obtidos nessa classificação, é importante considerar as contribuições de Andreoli (2019), que indicam que há um maior número de mulheres no mundo da dança em comparação aos homens, o que faz com que a prática, muitas vezes, seja relacionada a uma atividade feminina, e não masculina. Deve-se levar em consideração que essa discrepância reforça uma suposição culturalmente arraigada de que existe uma maneira "feminina" e uma maneira "masculina" de dançar. Além disso, também há uma ideia equivocada de que todos os homens que dançam são gays.

A discussão de gênero envolve em uma relação direta, o preconceito cultural e o pré-julgamento acerca do homem que dança. Ainda segundo Andreoli (2019), é como se existisse uma concepção de oposição binária que deveria ser “aprendida” tecnicamente para os modos de dançar entre homens e mulheres, o que acaba se caracterizando como uma lógica paradoxal por afirmar a existência natural do feminino e do masculino, mas ao mesmo tempo regular, policiar e determinar certas posturas, gestos e movimentos – e

aqui acrescento ainda: “de qual ritmo musical estamos falando?”, “de qual estilo de dança estamos falando?”, “quais são as roupas que este homem que dança veste?” ou mesmo “de qual homem que dança estamos falando?”.

Segundo Meyer e Silva (2020), pensar as relações de gênero como uma dimensão importante na constituição dos sujeitos é produtivo para o campo do lazer ao evidenciar os efeitos sociais e políticos de seus processos educativos formais e informais. “Uma vez que assumimos que estes são atravessados e organizados por gênero, os diferentes modos, tempos e espaços nos quais o lazer é experienciado produzem saberes, regulam condutas, colocam poderes em movimento e, dessa forma, estão implicados, portanto, com a produção discursiva de corpos, gêneros e sexualidades” (MEYER e SILVA, 2020).

Sendo assim, o objetivo deste artigo é compreender os espaços de contatos de adolescentes com a prática da dança enquanto atividade de lazer e as suas percepções sobre diferentes estilos de dança e gênero na sociedade.

Metodologia

Este estudo privilegiou uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa de campo. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 16) compreendemos que pesquisas de abordagem qualitativa “[...] privilegiam a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação”. De acordo com Fonseca (2002), conforme citado por Gerhardt e Silveira (2009, p.37) “a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto às pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa”.

Como instrumento de coleta de dados elaboramos um questionário estruturado com questões abertas e fechadas. Para garantir um cuidado ético com a realização desta

pesquisa, o estudo respeitou todas as normas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP e foi aprovado mediante o protocolo CAAE 60070016.5.0000.5150, sob o parecer de número 2.123.908. Além disso, para garantir que os dados da pesquisa fossem gerados com rigor científico, um estudo piloto foi realizado.

Importante ressaltar que, logo no primeiro contato com o pesquisador, os estudantes receberam todas as informações acerca do objetivo da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento (TA). Estes documentos, de manifestação de concordância dos indivíduos participantes da pesquisa e/ou de seus pais ou responsáveis, permitiram a tomada de decisões de forma ética, livre de constrangimentos.

Caso o participante fosse menor de idade, este deveria assinar o TA e seus responsáveis, o TCLE. Já os estudantes com idade igual ou superior a 18 anos, puderam assinar seus próprios documentos. Os estudantes entregaram ao pesquisador os documentos assinados no encontro seguinte. Participaram dessa pesquisa estudantes do segundo ano do ensino médio de um Instituto Federal de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais.

Para análise dos dados foi realizada uma análise descritiva das respostas do questionário, após a transcrição das respostas para uma planilha do Excel 2019. Para representação dos dados em gráficos e tabelas realizou-se, a partir da frequência de respostas, o agrupamento por categorização.

Resultados e Discussão

No total, participaram desta pesquisa 200 adolescentes, estudantes do segundo ano do Ensino Médio de um Instituto Federal de uma cidade do interior de Minas

Gerais, sendo respectivamente: 97 estudantes do sexo masculino, 102 estudantes do sexo feminino e 1 estudante do sexo intersexo. A idade média dos alunos foi de 16,47 anos.

Ao todo 154 estudantes já tiveram contato com dança (77%) e 46 estudantes nunca tiveram contato com dança (23%). O sexo feminino alegou possuir mais contatos com a dança (90,20%) do que o sexo masculino (62,89%). No total, os estudantes tiveram uma frequência de 206 contatos com a dança, realizados em diversos espaços, agrupados na Tabela 1.

Tabela 1: Espaços de contato com a dança

RESPOSTAS	RESULTADO GERAL (%)	RESULTADO MASCULINO (%)	RESULTADO FEMININO (%)	RESULTADO INTERSEXO (%)
Escola	31,55	37,84	27,69	50
Aulas de dança / Academias	26,70	10,81	36,92	0
Festa / Eventos	24,76	35,14	18,46	50
Casa	8,74	4,05	11,54	0
Jogos	2,91	6,76	0,76	0
Não disse qual	2,43	2,70	2,31	0
Teatro	1,46	2,70	0,76	0
Igreja	0,97	0	0,76	0
Total	100% = 206 contatos	100% = 74 contatos	100% = 130 contatos	100% = 2 contatos

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O principal contato com a dança, segundo os estudantes, aconteceu na escola (31,55%), seguido das aulas de dança em academias (26,7%) e em festas/eventos (24,76%). Os dados chamam a atenção para a importância da inclusão da dança no ambiente escolar (seja por via das aulas de Educação Física ou Artes, por exemplo), principalmente para o homem, pois 37,84% dos estudantes masculinos relataram ser esse o único ou o principal espaço de contato com o ensino da dança de uma forma sistematizada ao longo da vida.

O distanciamento dos homens com a dança na escola pode impactar até mesmo no seu comportamento na vida adulta, considerando que o nível de envolvimento está

relacionado com as experiências prévias dos sujeitos e não está relacionado ao gênero (KLEINUBING, 2009).

Quando se analisa a dança enquanto atividade física percebe-se também uma generificação dos espaços em que os contatos ocorrem fora da escola. O maior contato do sexo feminino com a dança ocorre em aulas de academia e/ou escolas de dança (36,92%) em aulas especializadas e sistematizadas, mas a frequência do sexo masculino neste espaço é bem menor (10,81%).

O estudo de Altmann *et al.* (2018) também observou esta grande diferença entre praticantes quando observados pela ótica do gênero. No estudo realizado com meninas e meninos dos 8º e 9º anos do ensino fundamental de uma cidade brasileira, Altmann e *et al.* (2018) buscou conhecer as principais atividades físicas e esportivas extracurriculares praticadas por gênero, no resultado geral em quinto lugar esteve presente a dança.

O ponto mais interessante é a grande diferença entre a participação de meninos e meninas: de todos os alunos que praticavam a dança fora da escola 94% eram meninas e apenas 6% eram meninos. O oposto ocorreu com o futebol que ocupou o primeiro lugar no resultado geral: 85,6% daqueles que mencionaram jogar futebol em contextos extracurriculares são meninos e 14,4%, meninas (ALTMANN *et al.*, 2018).

Essas contribuições dos referenciais teóricos utilizados, assim como os resultados encontrados neste estudo estão em consonância com as conclusões de Pereira (2019), que examinou como certas atividades estão associadas a estereótipos de gênero, perpetuando expectativas sociais sobre homens e mulheres. Pereira (2019) constatou que essas atividades reproduzem uma lógica ideológica que atribui às mulheres funções relacionadas à maternidade e à submissão, enquanto os homens são associados a atividades ligadas à virilidade e ao domínio. Considerar essas divisões sociais de gênero como algo natural fortalece ideologias que limitam as experiências de lazer a esse

padrão dominante, contribuindo para a perpetuação da naturalização dos papéis considerados socialmente aceitáveis para mulheres e homens (PEREIRA, 2019).

Sobre muitas práticas corporais serem incentivadas para determinado gênero e sonegadas para outro, Kleinubing, Saraiva e Francischi (2013, p.75) colocam a dança como a prática corporal que melhor pode representar esta questão “[...] pois suas manifestações, tanto no âmbito das escolas, academias e companhias de dança, quanto nas realizadas fora desses espaços, como a escola formal, sofreram grande influência desse modo de pensar.”

Quando perguntados sobre a dança realizada dentro de casa, o estudante do sexo intersexo respondeu já ter dançado em casa, juntamente com 91,18% das estudantes do sexo feminino e 70,10% dos estudantes do sexo masculino. Resultado este que evidência, mais uma vez, que a prática da dança, agora em ambiente familiar, também é menor no sexo masculino, sendo representado pela maior porcentagem dos estudantes que nunca dançaram em casa, 24,74%.

Tendo em vista a companhia ou não dos sujeitos durante a prática da dança em ambiente doméstico, a Tabela 2 apresenta esse registro.

Tabela 2: Com quem os estudantes já dançaram em casa

Situação	Resultado Geral (%)	Resultado Feminino(%)	Resultado Masculino(%)	Resultado Intersexo(%)
Sozinho	73,00	85,29	59,79	100
Festa de família	54,00	64,71	42,27	100
Com minha mãe	37,50	42,16	31,96	100
Com irmãos	31,50	48,04	13,40	100
Com meu pai	25,00	32,35	16,49	100
Nunca dancei em casa	13,50	2,94	24,74	0
Com amigos	4,00	5,88	2,06	0
Com primos	1,50	0,98	2,06	0
Com namorada	0,50	0	1,03	0
Com tios	0,50	0	1,03	0
Durante o banho	0,50	0	1,03	0

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Observa-se que a prática da dança mais registrada ocorreu quando eles estavam sozinhos (73%), seguido das festas de família (54%), da dança com a mãe (37,50%) e da dança com os irmãos (31,50%).

Esta frequência se repete quando analisada as respostas do sexo feminino, mas sofre uma alteração quando analisamos as respostas do sexo masculino. Pois a dança com irmãos (13,40%) não é tão frequente como é representada no sexo feminino (48,04%), e já a porcentagem de estudantes que nunca dançaram em casa ganha maior representação no sexo masculino (24,74%), evidenciando, mais uma vez, uma menor prática da dança pelo sexo masculino, agora no ambiente familiar.

Outro resultado que chama atenção nessa tabela é quando analisamos a dança dos estudantes com a mãe e com o pai. Percebe-se que a dança com a mãe (37,50%) acontece mais do que a dança com o pai (25,00%). Essa diferença é percebida tanto no sexo feminino quanto no masculino, entretanto, os dados evidenciam que além dos filhos dançarem menos do que as filhas, os pais dançam menos com os filhos do que as mães. Podendo comparar ainda os momentos em que os pais dançam, possuindo uma prática maior com as filhas (32,35%) do que com os filhos (16,49%).

Podemos observar que a grande ausência da presença masculina na dança não é um acontecimento oriundo da geração destes alunos, mas também de seus pais e, possivelmente, dos seus avós, bisavós... O que nos revela uma cultura heteronormativa enraizada em nossa sociedade. Para Dos Santos (2015), por exemplo, a família auxilia para a dominação e masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino com a exigência da inserção em um trabalho através de uma divisão sexual, em que parece existir trabalhos para homens e trabalhos para mulheres. “[...] a pressão sobre os homens que dançam, muitas vezes os leva a deixar de praticar o balé clássico, devido a cobranças sociais vindas principalmente da família, dos amigos e da igreja,

fazendo com que muitos acabem desistindo de uma futura carreira ou simplesmente de um hobby a ser praticado em seu tempo de lazer.” (DOS SANTOS, 2015, p. 391).

Pensando a discussão de gênero na família podemos nos amparar nas contribuições de León (1995, p. 180), “[...] as hierarquias de gênero são criadas, reproduzidas e mantidas dia a dia através da interação dos membros do lar. Na família é onde a divisão sexual do trabalho, a regulação da sexualidade e reprodução dos gêneros se encontram enraizadas.” Nesse sentido, compreendemos que os indivíduos tendem a reproduzir na escola e em outros ambientes as suas experiências e vivências familiares, entendendo-se que, aqui, essa reprodução é observada quando os pais não dançam e os filhos homens não dançam em sua maioria.

O estudante do sexo intersexo afirmou já ter dançado sozinho, com a mãe, pai, irmãos e em festa de família.

De acordo com as respostas do questionário, a maioria dos estudantes (98,50%) considera a dança uma prática de todos. Mas quando os ritmos musicais entraram em cena, a pista de dança pareceu possuir, para os sexos feminino e masculino, setores distintos para a ‘dança feminina’, a ‘dança masculina’ e então a ‘dança de todos’.

Essa divisão de atividades classificadas como “para homens” ou “para mulheres” segundo Jakubowska e Byczkowska-Owczarek (2018) reflete padrões socioculturais e corporais ligados a apropriação da feminilidade e da masculinidade.

Na Tabela 3, estão representados os estilos de dança e as considerações dos estudantes que marcaram “F” ao entender a dança como feminina, “M” ao entendê-la como masculina, “T” ao entendê-la como de todos e “X” ao não conhecer o estilo de dança mencionado. O “Ñ” foi utilizado quando o estudante não respondeu. O estudante intersexo definiu todos os estilos de danças como dança para todos, por isso os próximos tópicos representarão apenas os resultados feminino e masculino.

Tabela 3: Os estilos de danças femininos, masculinos e de todos

DANÇA	SEXO FEMININO (%)					SEXO MASCULINO (%)					RESULTADO GERAL (%)				
	F	M	T	X	Ñ	F	M	T	X	Ñ	F	M	T	X	Ñ
Axé	0	1,9	96,0	0,9	0,9	4,1	1,0	88,6	5,1	1,0	4,0	1,5	92,5	6,0	3,0
Ballet	6,86	0	89,2	2,94	0,9	22,6	1,0	63,9	11,3	1,0	14,5	0,5	77,0	7,0	1,0
Bolero	0	0	67,6	30,3	1,9	2,0	3,0	45,3	48,4	1,0	1,0	1,5	57,0	39,0	1,5
Bumba Meu Boi	0	3,9	50,9	44,1	0,9	2,0	3,0	46,3	47,4	1,0	1,0	3,5	49,0	45,5	1,0
Capoeira	0	7,8	90,2	0,9	0,9	0	17,5	78,3	4,1	0	0	12,5	84,5	2,5	0,5
Carimbó	2,9	1,9	45,1	49,0	0,9	2,0	3,0	26,8	68,0	0	2,5	2,5	36,5	58,0	0,5
Ciranda	1,9	0	80,3	16,6	0,9	11,3	1,0	63,9	22,6	1,0	6,5	0,5	72,5	19,5	1,0
Country/Sertanejo	0,9	0,9	95,1	1,9	0,9	1,0	2,0	92,7	3,0	1,0	2,0	1,5	94,0	2,5	2,0
Dança de rua/Street	0	3,9	93,1	1,9	0,9	1,0	11,3	81,4	6,1	0	0,5	7,5	87,5	4,0	0,5
Dança do ventre	38,2	0	58,8	0,9	1,9	59,7	0	36,0	3,0	1,0	48,5	0	47,5	2,0	1,5
Danças africanas	0,9	0,9	87,2	8,8	1,9	9,2	2,0	65,9	21,6	1,0	5,0	1,5	77,0	15,0	1,5
Forró	0	0	98,0	0,9	0,9	0	1,0	93,8	4,1	1,0	0	0,5	96,0	2,5	1,0
Frevo	0	0	95,1	3,9	0,9	4,1	0	73,2	20,6	2,0	2,0	0	84,5	12,0	1,5
Funk	0	0	96,0	2,9	0,9	7,2	0	88,6	5,1	0	3,5	0	92,5	3,5	0,5
Hip-Hop	0	4,9	93,1	0,9	0,9	0	13,4	82,4	4,1	0	0	9,0	88,0	2,5	0,5
Jazz	0	1,9	89,2	7,8	0,9	4,1	4,1	79,3	10,3	2,0	2,0	3,0	87,5	9,0	1,5
Lambada	0	0	78,4	20,5	0,9	5,1	0	68,0	25,7	1,0	2,50	0	73,5	23,0	1,0
Maracatu	0	0	40,2	58,8	0,9	1,0	0	29,9	68,0	1,0	0,50	0	35,5	63,0	1,0
Quadrilha	0	0	98,0	1,9	0	0	1,0	95,8	2,0	1,0	0	0,5	97,0	2,0	0,5
Rock	0	4,9	88,2	4,9	0,9	0	9,2	86,6	4,1	0	0	7,0	87,5	5,0	0,5
Salsa	0,9	0	92,1	5,8	0,9	5,1	0	77,3	16,4	1,0	3,0	0	85,0	11,0	1,0
Pagode	1,9	0	95,1	1,9	0,9	3,0	4,1	88,6	3,0	1,0	2,5	2,0	92,0	2,5	1,0
Pole Dance	25,4	0	70,5	2,9	0,9	54,6	0	34,0	10,3	1,0	39,5	0	53,0	2,0	0,5
Samba	1,9	0	95,1	1,9	0,9	6,1	1,0	89,6	2,0	1,0	4,0	0,5	92,5	2,0	1,0
Sapateado	0	2,9	93,1	2,9	0,9	4,1	6,1	79,3	10,3	0	2,0	4,5	86,5	6,5	0,5
Stillete	0,9	0	38,2	59,8	0,9	2,0	0	27,8	69,0	1,0	1,5	0	33,5	64,0	1,0
Tango	0	0	96,0	2,9	0,9	4,1	1,0	83,5	10,3	1,0	2,0	0,5	90,0	6,5	1,0
Valsa	0	0	97,0	1,9	0,9	4,1	0	90,7	5,1	1,0	2,0	0	94,0	3,5	1,0
Xaxado	0	0	37,2	61,7	0,9	0	0	27,8	71,1	1,0	0	0	33,0	66,0	1,0
Zouk	0	0	25,4	73,5	0,9	1,0	0	21,6	76,2	1,0	0,5	0	24,0	89,5	1,0
Zumba	2,9	0	94,1	2,9	0	19,5	0	55,6	23,7	1,0	11,0	0	75,5	13,0	0,5
Outro: Gospel	0	0	0,9	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,5	0	0
Outro: K-POP	0	0	0	0	0	0	0	1,0	0	0	0	0	0,5	0	0

F – Feminino; M – Masculino; T – Todos; X – Não conhece; Ñ – Não respondeu.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A dança de Todos

A maioria dos estilos de dança foram caracterizados pelos estudantes, como estilos de dança para todos os sexos. Os quatro estilos musicais mais caracterizados pelos estudantes como uma “dança de todos” foram a quadrilha (97%), seguido pelo forró (96%), pelo country/sertanejo (94%) e pela valsa (94%).

Coincidência – ou não – todos estes estilos de dança, representam dança de pares, duplas e também chamados de casal. Por trás dessas danças há o entendimento simbólico do “movimento masculino” e do “movimento feminino”.

O simbolismo e a heterossexualidade hegemônica podem ser compreendidos pelos movimentos, por exemplo, na quadrilha, quando há o cumprimento dos cavaleiros e das damas geralmente, os meninos abaixam o chapéu para cumprimentar as meninas e elas balançam o vestido para cumprimentar os meninos ou quando o homem assume o papel de condutor e a mulher de conduzida e a celebração do casamento.

Noletto (2020) em seu estudo procura entender os regulamentos que regem os concursos juninos promovidos como política pública pela Prefeitura Municipal de Belém e pelo Governo do Estado do Pará e a participação de homossexuais e pessoas trans. Ao analisar o regulamento elaborado pela Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas (CONFEBRAQ) em 2015 encontra incontestavelmente a exigência de um homem cisgênero e uma mulher cisgênero para a formação do casal de noivos. “(...) a heterossexualidade é requerida e a condição cisgênero é evocada como um requisito de eliminação de possíveis candidatos ou candidatas que não cumpram tal determinação. Nesse caso, não há espaço de negociação para a heterossexualidade e cisgeneridade coreográfica. Deve-se assegurar que o casal de noivos seja realmente composto por brincantes cisgênero e, possivelmente, heterossexuais.” (NOLETO, 2020, p. 5).

Esta divisão de papéis ocorre também na dança de salão na atualidade Nunes e De Carvalho (2022) destacam que mesmo com as mudanças sociais ela ainda possui um padrão cisheteropatriarcal em que ao homem é associada a figura do cavalheiro, responsável pela condução, e a mulher é associada a figura dama, que é conduzida.

Se ocorreram profundas transformações em nossa sociedade, não se pode pensar que os modelos conservadores aplicados à prática de salão em sua origem devam manter-se vigentes. Dessa maneira, pensamos que os termos “cavalheiro” e “dama” não se adéquam mais às práticas modernas de dança de salão que visam promover outras corporeidades nos espaços de dança. A manutenção desses termos, assim como de “condutor” e “conduzido” sem a devida problematização revelam a manutenção discursiva de um padrão que está em contestação. A falta de um debate mais aprofundado sobre o tema faz com que a relação “damas-mulheres-conduzidas” e “cavalheiros-homens-condutores” seja mantida nas salas de aula e espaços de dança reforçando, implicitamente, o cisheteropatriarcado da prática (NUNES e DE CARVALHO, 2022, p. 15).

Outros estilos de dança também foram considerados por mais de 70% dos estudantes como dança de todos conforme representação na Tabela 4.

Tabela 4: A dança de todos

ESTILO DE DANÇA	RESULTADO GERAL
Quadrilha	97%
Forró	96%
Country/Sertanejo	94%
Valsa	94%
Axé	92,5%
Funk	92,5%
Samba	92,5%
Pagode	92%
Tango	90%
Hip-Hop	88%
Dança de rua	87,5%
Jazz	87,5%
Sapateado	86,5%
Salsa	85%
Capoeira	84,5%
Frevo	84,5%
Ballet	77%
Danças africanas	77%
Zumba	75,5%
Lambada	73,5%
Ciranda	72,5%
Total	100% = 200 estudantes

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Esses dados poderiam indicar que não existe preconceito ou danças generificadas, entretanto, olhando mais atentamente para o conjunto dos dados, percebemos que não é bem assim. Abaixo, discutiremos a generificação na dança.

A Dança Masculina

Embora tanto a capoeira, quanto o hip-hop, a dança de rua e o rock tenham sido descritos pela maioria como dança de todos, observou-se nas respostas dos estudantes uma porcentagem dos estudantes do sexo masculino e feminino que definiram esses estilos de dança como masculinos. De acordo com os dados da Tabela 3, a capoeira foi a mais considerada (17,53%), seguida do hip-hop (13,4%), da dança de rua (11,34%) e do rock (9,28%). Já nas respostas das estudantes do sexo feminino observou-se uma menor frequência de utilização da alternativa “masculina”, mas dentre os estilos de dança mais generificados por elas estão também a capoeira (7,84%), o hip-hop (4,9%) e o rock (4,9%).

Chama a atenção que nenhum estudante do sexo masculino e nem do sexo feminino considerou a capoeira, o hip hop e o rock como danças exclusivas do sexo feminino. Apenas a dança de rua foi lembrada por 1,0% dos estudantes do sexo masculino como uma prática exclusiva do sexo feminino.

Estes estilos por mais que carreguem características próprias e individuais não são associados diretamente com leveza e/ou sensibilidade. Ainda que haja a demonstração de leveza no gingado da capoeira, nos movimentos do hip hop ou no passo de costas da dança de rua – o famoso “Moonwalk” do Michael Jackson –, a sensibilidade expressada nesses estilos remete, no imaginário social, a força, a agilidade e a bruteza. Historicamente as atividades mais associadas a masculinidade normalmente

são relacionadas a agressividade, a virilidade, a força e a coragem (JAKUBOWSKA; BYCZKOWSKA-OWCZAREK, 2018).

Por mais que atualmente, no Brasil, haja uma maior presença da mulher na capoeira comparado as primeiras décadas do século XX, esta prática corporal – enquanto dança, luta e/ou jogo – parece ainda ser masculinizada. Segundo Oliveira e Leal (2009, p.117), “trata-se de uma prática diretamente associada ao homem por comportar elementos constitutivos da masculinidade, a exemplo do biótipo e das ações de violência física”.

A existência de uma maior participação feminina na capoeira na atualidade, segundo Ferreira, Silva e Araújo (2022), é uma conquista feminista de enfrentamento, esquivando e gingando ao longo dos anos. Segundo os autores sempre foram e continuam sendo na capoeira uma energia criativa ao enfrentar um universo marcado pelo ethos machista e misógino. O que revela que na dança os obstáculos acerca do gênero são vivenciados tanto pelos homens quanto pelas mulheres.

Outro estilo historicamente rotulado como masculino e que foi generificado neste estudo foi o Hip Hop. Matias-Rodrigues e Araújo-Menezes (2014) recorrem aos papéis atribuídos ao homem e a mulher ao longo da história, isto é, ao homem o espaço da rua e à mulher os cuidados com a casa, para justificar a adesão de uma imagem masculina a esse estilo. “[...]uma vez que, por ser um movimento caracterizado como da rua, causa estranhamento a participação das mulheres, já que a elas foi historicamente destinado o espaço privado do lar.” (MATIAS-RODRIGUES; ARAÚJO-MENEZES, 2014, p.713)

Porém, também discutindo a presença de homens no hip-hop Seffner e Santos (2012) destacam que até mesmo eles, enquanto praticantes de dança, enfrentam também negociações acerca de uma construção de uma masculinidade aceitável que embora

estímulo a prática do hip-hop, da dança típica gaúcha ou até a dança de salão, acaba condenando a prática de outras danças como o ballet, o jazz, o sapateado dentre outros.

Para Andreoli (2019), a participação de homens nas danças urbanas é subjetivada por discursos masculinizantes que exerce controle, manutenção e produção do que ele chama de uma masculinidade verdadeira hegemônica. “Sendo assim, as danças urbanas são simbolizadas como um terreno masculino dentro do universo geral da dança: músicas, roupas, acessórios, movimentos coreográficos e acrobáticos devem sempre reafirmar uma suposta “virilidade” (ANDREOLI, 2019, p. 7)

Nota-se, até aqui, a permanência e a reprodução de estereótipos e preconceitos construídos culturalmente que em relação ao gênero atinge tanto aos homens (independente do estilo de dança) quanto às mulheres para a prática de alguns estilos de danças “masculinizados”.

A Dança Feminina

Percebeu-se uma discreta generificação de alguns estilos de dança ditos masculinos e também de alguns estilos de danças caracterizadas pelos alunos como femininos.

De acordo com a Tabela 3, os dois estilos de danças mais definidos como femininos foram a dança do ventre e o pole dance. Nas respostas do sexo masculino a generificação foi mais alta, já que 59,7% definiram a dança do ventre como feminina e outros 54,6% definiram o pole dance como feminina. Já nas respostas do sexo feminino a generificação também esteve presente e foram definidos por 38,2% a dança do ventre como uma dança feminina e 25,4% o pole dance como dança feminina. Em ambos os casos, os dois estilos não foram atribuídos ao sexo masculino.

Ambos os estilos citados são explicitamente caracterizados na sociedade como estilos de dança ‘de’ e ‘para’ mulheres, muitas vezes são desconsiderados enquanto dança e relacionados apenas a sensualidade, promiscuidade e sedução.

A dança do ventre reflete em seu discurso imagético-cinético significações de gênero que constituem diferentes modos de ser mulher nas sociedades e momentos históricos analisados. Estas significações muitas vezes se ancoram no corpo e na sexualidade da mulher[...] (REIS, 2008, p.65).

O mesmo acontece com o pole dance, uma forma de expressão artística que enfrenta desafios significativos. De acordo com Gonçalves (2020), o estilo de dança é frequentemente associado ao erotismo, o que historicamente tem sido malvisto na sociedade ocidental. Essa associação prejudica a percepção do pole dance como uma forma legítima de arte, dança e expressão. É importante notar que, ao longo da história, a exploração da sexualidade na sociedade tem sido predominantemente associada à figura feminina, em detrimento da figura masculina. Essa dinâmica de gênero cria barreiras adicionais para o reconhecimento e aceitação do pole dance como uma prática artística respeitável.

De acordo com a Tabela 3, embora a maioria dos estudantes tenham caracterizado anteriormente o ballet, a zumba e a ciranda como danças de todos, foi possível perceber nas respostas de ambos os sexos uma generificação destes estilos.

O ballet foi o terceiro estilo musical mais caracterizado como uma dança feminina por 22,68% dos estudantes do sexo masculino e 6,86% dos estudantes do sexo feminino. Outra parcela dos estudantes do sexo masculino definiu ainda outros dois estilos como femininos, 19,5% acredita que a zumba é para o sexo feminino e outros 11,3% acredita que a ciranda é para o sexo feminino.

Para Souza *et al.* (2022) o ballet é uma ferramenta para a produção da feminilidade clássica e heteronormativa. Segundo os autores uma das causas da maior participação de mulheres e uma baixa presença de homens no ballet seria o ideal social

de um padrão masculino heteronormativo. Pois, quanto maior o distanciamento deste padrão maior seria a sua vinculação a feminilidade, e posteriormente certa desvalorização social. “Em decorrência disso, alguns estudos indicam que eles (os homens) recebem privilégios e incentivos diferenciados para adentrar e se manter na prática” (SOUZA *et al.*, 2022, p. 152).

Para além dos estilos musicais, os dados da Tabela 3 demonstram uma maior generificação dos estilos de dança por parte dos homens do que das mulheres.

Nota-se que os estilos associados à prática feminina são aqueles que demonstram leveza, sensibilidade, entre outros. Historicamente essa associação ocorre a partir da diferenciação das práticas corporais entre meninas e meninos. Segundo Santos (2010, p. 849) “[...]tal distinção era justificada pelas características padronizadas por regras sexuais e sociais, assegurando sentidos de feminilidade e de masculinidade, como graça, leveza, delicadeza, força e violência”. Encontramos estas distinções não apenas dentro das práticas de lazer, mas na sociedade como um todo.

A Dança Desconhecida

Alguns estilos de dança não foram caracterizados como nem de todos, nem masculino e nem feminino, sendo descritos como desconhecidos – não sofrendo nenhuma divisão simbólica por gênero. Os estilos de dança que fizeram parte das alternativas e foram caracterizados como desconhecidos, por ambos os sexos, foram: o zouk (89,5%), o xaxado (66%), o stilleto (64%), o maracatu (63%), o carimbo (58%) e o bumba meu boi (45,5%), conforme apresentado na Tabela 3.

Interessante pensar que tanto o xaxado, o maracatu, o carimbó e o bumba meu boi se configuram como danças que constituem o folclore brasileiro. Embora o folclore seja um tema orientado para ser trabalhado na escola com todos os alunos, independente

do gênero, desde os primeiros anos da Educação Básica, os estudantes, em sua maioria, parecem desconhecer muitas das danças folclóricas.

A respeito da definição de um conceito para as danças folclóricas Carbonera & Carbonera (2008) a tratam como uma forma tradicional de dança recreativa do povo. Se configuram como uma ação cultural que mantém e repassam as tradições de um povo ao longo das gerações e ao mesmo tempo apresenta, valoriza e respeita a nossa própria cultura.

Quando analisado separadamente por sexos percebeu-se, neste estudo, que o sexo masculino desconhece mais estes estilos de danças que o sexo feminino, o que significa que as estudantes do sexo feminino possuem maior conhecimento cultural acerca da dança do que os estudantes do sexo masculino. Essa falta de conhecimento acerca das danças folclóricas pelos homens pode estar relacionada, por exemplo, segundo Kleinubing (2009) ao pouco ou quase nenhum envolvimento com o conteúdo na infância e/ou escola que impactam seu comportamento/conhecimento da vida adulta, neste estudo vivido em maior parte pelos homens.

Segundo Ehrenberg e Gallardo (2005, p.114) a respeito da dança na escola “o que encontramos no interior das escolas, quando não são movimentos mecânicos reproduzidos pelos alunos em função de uma data comemorativa, são as danças ditas folclóricas ou populares de diferentes regiões do país”. Porém, as respostas anteriores dos alunos mostraram que nenhum dos dois principais modelos de ensino da dança escolar (movimentos mecânicos ou as danças ditas folclóricas ou populares) vem sendo utilizado pelos professores, e conseqüentemente não estão sendo aprendido pelos estudantes.

Para Santos (2013, p. 19) “entre outras tantas conseqüências negativas do fenômeno da homogeneização nas sociedades contemporâneas, notamos, especialmente,

por parte de nossos jovens alunos que há uma crescente perda de referenciais importantes da memória constitutiva da história social e cultural do Brasil”.

Ressalta-se no caso das danças folclóricas a importância da educação para e pelo lazer como uma ferramenta possível de transmissão e manutenção de conhecimento cultural através da dança. Para Dórea e Rocha Junior (2021, p. 68) “(...) enquanto veículo de educação, o lazer fomenta o desenvolvimento pessoal e social, além de propiciar relaxamento, prazer e compreensão da realidade a que o indivíduo pertence. A educação pelo lazer desmonta a homogeneização e internacionalização dos meios de comunicação de massa, promovendo o espírito crítico”.

Ao compreender a cultura como um elemento constituinte do lazer e também como um eixo articulador entre estudos de gênero e/ou culturais é possível problematizar tanto as práticas de lazer e suas subjetividades, como suas significações e normativas (MEYER; SILVA, 2020).

Pensando no caso do objeto de investigação desta pesquisa, a dança, os resultados encontrados e as produções científicas consultadas acerca da sua relação com o gênero e cultura nos fazem refletir sobre como padrões heteronormativos, preconceitos, construções e divisões sociais que impactam negativamente o lazer e a educação de jovens podem ser enfrentados e superados na sociedade.

Considerações Finais

Por meio deste estudo, evidenciamos que embora a dança enquanto atividade de lazer seja considerada uma prática possível e acessível para todos, verificamos obstáculos de padrões heteronormativos de divisões entre os gêneros dentro de determinados estilos de danças que os próprios indivíduos constroem, mantêm e/ou reproduzem socialmente.

A capoeira, o hip-hop, a dança de rua e o rock foram os estilos mais associados a masculinidade e considerados pelos adolescentes participantes deste estudo como danças masculinas. Já a dança do ventre e o pole dance foram os estilos mais associados a feminilidade e considerados como danças femininas.

Os resultados obtidos são semelhantes a outros estudos que investigaram o gênero dentro de determinado estilo de dança. Como no caso, por exemplo, da capoeira (FERREIRA; SILVA e ARAÚJO, 2022; OLIVEIRA; LEAL, 2009), do hip-hop (MATIAS-RODRIGUES; ARAÚJO-MENEZES, 2014), da dança do ventre (REIS, 2008) e do pole dance (GONÇALVES, 2020).

Ressalta-se que além dos homens possuírem menos contato prévio com a dança do que as mulheres, eles foram, neste estudo, os que mais classificaram e/ou reproduziram divisões de estilo de dança entre os gêneros. Dessa forma, ressalta que a ampliação das vivências em dança seria uma das possibilidades de diminuir a visão generificada da mesma. Embora as mulheres também tenham classificado alguns estilos de danças como masculinos e/ou femininos, percebeu-se que a associação a determinado gênero foi menos recorrente quando comparada aos homens.

Sobre as danças que não eram conhecidas pelos estudantes e não receberam nenhum tipo de classificação de gênero de seus praticantes, constatou-se que, em maior parte, eram compostas por danças folclóricas da cultura brasileira. Ainda sob o olhar do gênero nestes resultados percebeu-se que os homens eram os que menos conheciam as danças folclóricas em comparação as mulheres.

Observou-se neste estudo, através de consultas em bancos de dados, uma baixa produção de produções científicas acerca das danças folclóricas enquanto atividade de lazer nos últimos anos comparado a outros estilos de dança, especificamente em relação ao gênero e possíveis existência ou não de divisões simbólicas de construção social

acerca do gênero – pesquisando, de fato, a generificação ou não de danças folclóricas com um público alvo que as conhece, de fato, sendo esta uma sugestão de pesquisas futuras acerca da temática.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. *et al.* Gênero e cultura corporal de movimento: práticas e percepções de meninas e meninos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1. Abr. 2018.

ANDREOLI, G. S. O Ensino da dança e as relações de gênero e sexualidade. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, n. 2, 2019.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução Maria João Alvarez. Porto: Porto, 1994.

CARBONERA, D; CARBONERA, S. A. **A importância da dança no contexto escolar**. 2008. 61 f. Monografia apresentada para conclusão de curso de PósGraduação em Educação Física Escolar - Faculdade Iguatçu, Instituto ESAP, Cascavel – PR, 2008.

CHAVES, Elisângela; CÔRTEZ, Gustavo. Curso dança e lazer. Curso de formação em programas sociais: PELC e vida saudável (Educação a Distância–EAD). Ministério do Esporte. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

DE ASSIS, M. D. P.; DO CARMO SARAIVA, M. O feminino e o masculino na dança: das origens do balé à contemporaneidade. **Movimento**, v. 19, n. 2, p. 303-323, 2013.

DÓREA, D. R.; ROCHA JUNIOR, C. P. da. A dança como experiência de lazer: o caso dos Grupos de Esplanada-Bahia. **Licere**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 66–94, 2021. DOI: 10.35699/2447-6218.2021.36285. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/36285>. Acesso em: 12 abr. 2023.

DOS SANTOS, Renata Ferreira *et al.* A dança como prática de lazer: algumas reflexões sobre homens, gênero e o balé clássico. **Pensar a prática**, v. 18, n. 2, 2015.

EHRENBERG, M. C.; GALLARDO, J. Sérgio P. Dança: conhecimento a ser tratado nas aulas de Educação Física Escolar. **Motriz. Journal of Physical Education. UNESP**, p. 111-116, 2005.

FERREIRA, E. C.; SILVA, R. de Lima; ARAÚJO, J. **Mulheres que gingam: reflexões sobre as relações de gênero na capoeira**. Editora Appris, 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

- GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- GONÇALVES, A. O. G. Sexualidade, masculinidades e dança: o preconceito e o (des)respeito ao bailarino numa incursão aos filmes Billy Elliot e Dzi Croquettes. **Gênero, Sexualidade e Corpo**, Goiânia, p. 102-115, 2014.
- GONÇALVES, A. C. Gênero, raça e sexualidade em performances de pole dance. REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 32. **Anais...** Online, 2020. Disponível em: <https://www.32rba.abant.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czoZNToiYT0xOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSzZlIjtzOjQ6IjI5NTIiO30iO3M6MT0iaCI7czoZMjoiNTc4Zjc0NzUwM2NIN2IxYWwiNDkxMmExMWE4ZWU2MTgiO30%3D>
- JAKUBOWSKA, H.; BYCZKOWSKA-OWCZAREK, D. Girls in football, boys in dance. **Qualitative Sociology Review**, v. 14, n. 2, p. 12-28, 2018.
- KLEINUBING, N. D. **A dança com o espaço-tempo de intersubjetividades: possibilidade da educação física no ensino médio**. 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- KLEINUBING, N. D.; SARAIVA, M. D. C.; FRANCISCHI, V. G. A dança no ensino médio: reflexões sobre estereótipos de gênero e movimento. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 24, n. 1, p. 71-82, 2013.
- LEÓN, M. La familia nuclear: origen de las identidades hegemónicas femenina y masculina. In: ORANGO, G.; LEÓN, M.; VIVERAS, M. (Org.). **Gênero y identidad: ensayos sobre lo femenino y lo masculino**, Bogotá: TM Editores, 1995. p. 169-191.
- PEREIRA, J. B. B. **A influência do gênero no lazer: ideologia e práticas**. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG. 2019.
- MATIAS-RODRIGUES, M. N.; ARAÚJO-MENEZES, J. Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, [s.l.], v.12, n.2, p.703-715, 2014.
- MEYER, D. E. E.; SILVA, A. Luiz dos S. Gênero, cultura e Lazer: potências e desafios dessa articulação. **Licere**, Belo Horizonte, v.23, n.2 (jun. 2020), p. 480-502, 2020.
- NOLETO, R. da S. Regulamentos da cultura: diversidade sexual e de gênero nos concursos juninos de Belém. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020.
- NUNES, B. B.; DE CARVALHO, M. P. Dama/Mulher, Cavalheiro/Homem: papéis e relações de gênero na dança de salão. **ARJ—Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes**, v. 9, n. 2, 2022.
- OLIVEIRA, J. P. de; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

PEREIRA, J. B. B. **A influência do gênero no lazer: ideologia e práticas.** Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG. 2019.

REIS, A. C. O feminino na dança do ventre: uma análise histórica sob uma perspectiva de Gênero. **Divers@!**, Matinhos, v. 1, n. 1, p. 56-67, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/34038/21199>

SANTOS, J. P. dos. **Cultura popular brasileira/folclore na educação de jovens e adultos.** 2013. 66 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Carinhanha-BA, 2013.

SANTOS, V. C. dos. Índícios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de Educação Física. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 16, p. 841-852, 2010.

SEFFNER, F.; SANTOS, É. Ser homem, ser bom aluno, ser dançarino: tudo isso se aprende na escola. **Revista Artíficos**, v. 2, n. 4, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/fernando_seffner2/publication/271272621_ser_homem_ser_bom_aluno_ser_dancarino_tudo_isto_se_aprende_na_escola/links/54c40d7e0cf256ed5a932f7b/ser-homem-ser-bomaluno-ser-dancarino-tudo-isto-se-aprende-na-escola.pdf.

SCOTT, J. W. **Gender and the Politics of History.** New York: Columbia University Press, 1988. p. 28-50.

SOUZA, M. T. O. *et al.* Feminilidades, masculinidades e performatividade de gênero no balé: aproximações e desvios da lógica heteronormativa. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 23, n. 2, 2022.

Endereço do(a) Autor(a):

Igor Henrique da Costa
Endereço eletrônico: igorrs@outlook.com

Priscila Augusta Ferreira Campos
Endereço eletrônico: priscila.campos@ufop.edu.br